O ENSINO DA ARTE AFRICANA

SARA ROSILENE CARDOZO DA SILVA

RESUMO

Entrar em contato com a arte e cultura africana permite quebrar os estereótipos relacionados ao continente africano ao qual possui uma enorme variedade cultural com centenas de etnias e milhares de línguas, e uma grande diversidade de valores sociais e morais. Hoje, ela aparece com uma estrutura firmada na história e na realidade contemporânea que lhe é peculiar, perfilados entre as grandes manifestações culturais do mundo, portanto essa cultura vem carregada de emoção e contentamento devido às origens e a excelência como foi elaborada.

OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância do ensino da arte africana.

MÉTODO

O trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica mediante autores que trabalham o tema em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade das culturas africanas e afro-brasileira é um conteúdo que deve ser estimulado nas instituições de ensino como caminho para evitar conceitos homogeneizantes e redutores que terminam por qualificar a cultura africana como excêntrica, enxergando, assim, a arte como subsídio para a construção de novos conceitos.

PALAVRAS-CHAVE

Arte. Cultura. Ensino-aprendizagem. Valores sociais. Multicuturalismo.

ABSTRACT

Getting in touch with African art and culture allows you to break the stereotypes related to the African continent, which has a huge cultural variety with hundreds of ethnicities and thousands of languages, and a great diversity of social and moral values. Today, it appears with a structure established in history and in the contemporary reality that is peculiar to it, profiled among the great cultural manifestations of the world, therefore this culture is full of emotion and contentment due to its origins and the excellence in which it was created. OBJECTIVE: This work aims to present the importance of teaching African art. METHOD: The work was prepared through bibliographical research using authors who work on the topic in question. FINAL CONSIDERATIONS: The diversity of African and Afro-Brazilian cultures is a content that must be encouraged in educational institutions as a way to avoid homogenizing and reductive concepts that end up qualifying African culture as eccentric, thus seeing art as a subsidy for the construction of new concepts.

KEYWORDS

Art. Culture. Teaching-learning. Social values. Multiculturalism.

INTRODUÇÃO

É sabido o quanto a produção do conhecimento interferiu e ainda interfere na construção de representações sobre o negro brasileiro e, no contexto das relações de poder, tem informado políticas e práticas tanto conservadoras quanto emancipatórias no trato da questão étnico-racial e dos seus sujeitos.

No início do século XXI, quando o Brasil revela avanços na implementação da democracia e na superação das desigualdades sociais e raciais, é também um dever democrático da educação escolar e das instituições públicas e privadas de ensino a execução de ações, projetos, práticas, novos desenhos curriculares e novas posturas pedagógicas que atendam ao preceito legal da educação como um direito social e incluam nesse o direito à diferença.

Essa necessidade começou a ser reconhecida pelas instituições federais brasileiras quando, em 2003, foi decretada a Lei Nº 10.639, que altera a Lei Nº 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e inclui, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira".

Antes disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) já indicavam como um dos objetivos gerais para o Ensino da Arte que os alunos sejam capazes de "conhecer características fundamentais do Brasil, nas suas dimensões sociais, materiais e culturais como meio de construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país" (PCNs, 1998, p. 07), "adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo o respeito" (PCNs, 1998, p. 07).

Para confirmar, o Livro dos Temas Transversais para o Ensino Fundamental Brasileiro recomenda a temática da Pluralidade Cultural, alertando que este tema propõe:

Uma concepção que busca explicitar adversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar as transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão deque valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. (TT, 1998, p. 121).

A aprovação e a paulatina implementação dessa legislação, fruto das pressões sociais e proposições do movimento negro brasileiro, juntamente com os demais aliados da luta antirracista, sinaliza avanços na efetivação de direitos sociais educacionais e implica o reconhecimento da necessidade de superação de imaginários, representações sociais, discursos e práticas racistas na educação escolar. Implica, também, uma postura estatal de intervenção e construção de uma política educacional que leve em consideração a diversidade e que se contrapõe à presença do racismo e de seus efeitos, seja na política educacional mais ampla, na organização e funcionamento da educação escolar, nos currículos da formação inicial e continuada de professores, nas práticas pedagógicas e nas relações sociais na escola.

A responsabilidade com a conjuntura do negro no Brasil declara uma relevância ainda maior se houver comparação a outras nações, pois aqui a divícia da África está mais presente, entretanto com menos valor. Essa depreciação é uma especificidade facilmente certificada, pois resta olhar a sociedade através de focos críticos que as inconciliabilidades sociais são veementes, sendo que os mais carentes no Brasil, muitas vezes, são descendentes da herança africana, sendo estes também os mais desprotegidos dos ataques racistas de várias características, como por exemplo, o contexto financeiro, profissional, familiar e tantas outras.

O multiculturalismo é o reconhecimento das diferenças e da individualidade de cada um. A escola por se configurar como espaço legítimo onde ocorre o processo de socialização, é o ambiente no qual mais se discute a questão da diversidade – cultural racial e social.

Para que este processo aconteça é necessário o convívio multicultural que implica respeito ao outro e ao diálogo com os valores do outro. O multiculturalismo ocorre a partir de iterações sociais na escola, que implica, especialmente, a aprendizagem do aluno.

DESENVOLVIMENTO

A Arte Africana possui uma longa história e já há registro de peças do século cinco a.C. Muito anterior à escrita, a História das Artes Africanas vem sendo escrita na pedra, na madeira e no ferro. Muitas obras se perderam, outras foram destruídas devido à moral cristã e ao período de colonização, que afetou em muito a produção artística local. No entanto o que restou ainda é um universo gigantesco e riquíssimo.

Sendo assim, pode-se considerar uma resposta fidedigna das ricas histórias, mitos, crenças e filosofia dos habitantes deste gigante continente. A riqueza desta arte tem proporcionado matéria-prima e inspiração para vários movimentos artísticos contemporâneos da América e da Europa. Artistas do século XX admiraram a importância da abstração e do naturalismo na arte africana.

Abdou Sylla discorre que a função e significação da arte africana são múltiplas; a arte e a cultura material africanas expressam a vida social. Sylla distingue diversas funções, entre elas:

Função mágico-religiosa: objetos intermedeiam o mundo real – dos seres e das coisas – e o mundo irreal, dos ancestrais, das divindades e de suas forças. Assim, para compreender a arte africana é preciso saber que seu sistema filosófico-religioso estabelece correspondência entre os seres, as forças, os espíritos e as divindades, e permite apreender suas interações e hierarquias. Os objetos de arte são objetos de culto e ritual, suportes para captar as energias necessárias para o bem dos homens e da coletividade, ou para afastar os malefícios. Função terapêutica: nas cerimônias e práticas sociais, os objetos podem contribuir para proteger, manter ou restabelecer o equilíbrio psicológico dos indivíduos e da comunidade. Função pedagógica: os objetos auxiliam na aquisição e transmissão do conhecimento dos mais velhos, das associações, das sociedades secretas e dos sistemas de iniciação. Função social: objetos, música e dança são meios de entretenimento, mas também expressam as relações entre os indivíduos e a organização social. Os objetos, sobretudo os de natureza estética, traduzem o sentimento de solidariedade, de parentesco, de coesão dos grupos e indivíduos. Conservam e transmitem as tradições, costumes e valores. Função política: a hierarquia social e o poder têm na arte um meio simbólico de representação em objetos como cetros, armas, assentos, instrumentos musicais e outros. (SYLLA, 1988: 127-129).

Os povos africanos faziam seus objetos de arte utilizando diversos elementos da natureza. Faziam esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze. Os temas retrata-

dos nas obras de arte remetem ao cotidiano, a religião e aos aspectos naturais da região. Desta forma, esculpiam e pintavam mitos, animais da floresta, cenas das tradições, personagens do cotidiano etc.

As características tão singulares da arte africana fizeram com que durante muito tempo ela fosse vista pelo ocidente como uma "arte inferior". Não se considerou o fato de que a arte por ser produção humana, é diversa. Os ocidentais analisavam a obra de arte africana dentro dos seus próprios parâmetros, dentro da sua concepção do "belo universal".

Mas, como afirma o professor Sodré (2001): "A arte africana é uma outra forma de manifestação da sensibilidade humana, tão variável quanto à diversidade cultural do nosso planeta".

A Etnografia, através de elementos plásticos e estruturais, como: simetria, horizontalidade, material usado para sua elaboração, acabamento da peça de arte, código cromático possibilita a leitura da arte africana trazendo informações referentes a diversos aspectos de sua cultura como: A ancestralidade de seu povo;a tradição presente em um adorno feito de folhas ;a intenção representada em uma máscara; a identidade presente em um colar de contas e sua composição cromática, entre outros.

A arte para os africanos é uma representação dos usos e costumes de suas tribos, onde nelas é representada a figura humana nas pinturas e esculturas identificando a preocupação com os valores étnicos, morais e religiosos.

A exemplo "As máscaras são criadas segundo as crenças e narrativas místicas enfocando os ancestrais através das forças ou espíritos da natureza, como também são utilizadas para rituais e danças. " (BRANDÃO, 2006.p.149). Diante disto a inserção deste conteúdo nas instituições de ensino apontará um caminho para evitar conceitos homogeneizantes e redutores permitindo aos nossos educandos enxergarem a arte como subsídio para a construção de novos conceitos.

O objeto de arte é funcional, desenvolvido para ser utilizado, ligado ao culto dos antepassados, profundamente voltado ao espírito religioso, característica marcante dos povos africano è uma arte extremamente representativa, chama atenção pela sua forma e estética e os simples objetos de uso diário, como ornamentos e tecidos, expressam muita sensibilidade. Nas pinturas, assim como nas esculturas, a presença da figura humana identifica a preocupação com os valores étnicos, morais e religiosos.

A escultura foi uma forma de arte muito utilizada pelos artistas africanos usando-se o ouro, bronze e marfim como matéria prima. Representando um disfarce para a incorporação dos espíritos e a possibilidade de adquirir forças mágicas, as máscaras tem um significado místico e importante na arte africana sendo usadas nos rituais e funerais.

As máscaras são confeccionadas em barro, marfim, metais, mas o material mais utilizado é a madeira. Para estabelecer a purificação e a ligação com a entidade sagrada, são modeladas em segredo na selva. A produção artística destes povos é considerada por Janson (2001) como tendo uma tendência geral para a abstração, como se pode notar na seguinte citação:

Parece, no entanto, razoável explicar o seu extremo afastamento das formas naturais – e a tendência abstrata da arte primitiva em geral – pela intenção de transmitir a "alteridade" do mundo anímico, separando-o assim do mundo das aparências cotidianas, até onde a imaginação do artista conseguir ir. (JANSON, 2001, p. 59).

A singularidade da ligação existente entre a arte e a sua realidade cultural nas sociedades da África é um aspecto com o qual a arte-educação precisa urgentemente aprender a lidar. Pesquisas podem publicar da dos antropológicos, sociais, estatísticas econômicas e revelações revolucionarias quanto a realidades culturais e artísticas da África, entretanto, ao educador, cabe um papel indiscutível que pode funcionar plenamente independentemente destes dados – embora venha a se tornar mais fortemente argumentativo quando embasado neles – que é o de agenciar o conhecimento de cada especificidade cultural com olhares relativistas, praticar o conhecimento da arte África e patrocinar tal conhecimento nas salas de aula possibilitando a arte como forma de expressão que requer uma educação para ver, analisar, compreender e se posicionar frente a estes estímulos visuais quebrando estereótipos existentes que sintetizam com elementos simbólicos e materiais destas artes a partir de visões redutivistas ou preconceituosas.

E, neste final, resta a contradição: grande parte da arte africana, que tanto nos mobiliza o olhar pelo impacto estético, era feita, antes de ser tirada de seu contexto, para não ser vista, a menos que houvesse uma ocasião precisa para isso. Está aí a demonstração da grandeza e do poder de uma cultura material, depositária não de segredos, mas de fundamentos, a serviço da história e cultura dos povos africanos, que dentro e fora de seu território original, continuam sua existência, formando novos valores, como acontece entre nós, no Brasil.

A arte africana é o resultado de um conjunto de manifestações artísticas produzidas por todos os povos da África ao longo da história, iniciando-se no período pré-his-

tórico, nas formas mais antigas, que são as pinturas e gravações em pedra, na região do Saara. Partindo do pressuposto que as

(...) condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos" (BRASIL, 2004,p.10-11).

...um longo caminho ainda precisa ser percorrido em relação a consolidação da proposta de educação étnico-racial. Uma proposta pedagógica da arte africana dentro da arte-educação deve assinalar a sua circunscrição histórica, geográfica e cultural com a mesma preocupação com que situa uma obra de arte do renascimento cultural europeu às suas conexões históricas, sociais e culturais marcando as questões que pontuam especificidades estéticas alusivas à época e a cultura.

Em outras palavras, o educador tem a função de contribuir para a quebra de visões maniqueístas que permitam singularizar as artes das sociedades e reinos da África ou caracterizá-las como "arte primitiva" ou "selvagem". O tratamento pluralista destas manifestações estéticas e artísticas contribui para a quebra de visões redutivistas e etnocêntricas que rotulam os produtos culturais africanos como uma arte única diante do mundo além de se inserir numa forma de resgate destas produções historicamente minimizadas pelas ideologias que se foram construindo desde o renascimento europeu e que culminaram na escravidão destes povos nas Américas e na colonização do continente africano.

De acordo com McLaren, os currículos escolares, embora alguns esforços isolados, sempre serviram para "preparar os estudantes para posições dominantes ou subordinadas na sociedade" (McLaren, 1997, p. 216), privilegiando apenas o conhecimento referente às classes consideradas superiores, seus costumes, suas ideologias e valores. Não oportunizando a representação das distintas etnias que compõem nossa cultura, os currículos escolares baseados unicamente no ideário ocidental reforçam a posição secundária e discriminatória a que são relegadas essas manifestações, assim como seus representantes, caso este dos afro-brasileiros e das manifestações de origem africana no Brasil.

Segundo o PCN, o estudo da arte ajuda a "(...) conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas" (BRASIL, 1998, p. 15). Teria a arte, no contexto educacional e no processo de ensino-aprendizagem, uma função tão importante quanto qualquer outra forma de conhecimento.

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. (BRASIL, 1998, p. 19).

Assim, estudar a arte africana é uma forma de possibilitar ao aluno conhecer a história e a cultura desse povo dando um novo sentido e um novo significado. Na escola há questões corriqueiras e enraizadas, com as quais muitas vezes não conseguimos interagir, mas Duarte Junior nos leva a refletir sobre as possibilidades para trabalharmos com a cultura africana e afrobrasileira no Ensino Médio:

A arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este de maior atenção ao seu próprio processo de sentir. O intelectualismo da nossa civilização – reforçado no ambiente escolar – torna relevante apenas aquilo que é conhecido, logicamente [...] Devem-se aprender aqueles conceitos já "prontos", "objetivos", que a escola veicula a todos, indistintamente, sem levar em conta as características existenciais de cada um. Nesse processo, os educandos não têm oportunidade de elaborar sua "visão de mundo", com base, em suas próprias percepção e sentimentos. Através da arte pode-se, então, despertar atenção de cada uma para sua maneira particular de sentir, sobre a qual se elaboram todos os outros processos racionais [...]. (DUARTE JUNIOR, 1991, p. 66-73).

A escola deve proporcionar conteúdos e saberes que desenvolvam com os alunos a sensibilidade, a consciência, a reflexão e a crítica, fomentando o trabalho na busca da própria identidade. O professor é o mediador da sala de aula, assim sendo, não deve olhar apenas para o trabalho acabado, mas para o desenvolvimento do aluno em todo o processo, considerando o senso crítico para aquilo que ele criou.

Lembrando que aqui estão envolvidos realidade social, a estética e o gosto, já que os estudantes fazem parte de uma determinada cultura. Entretanto, além dessa necessidade de formação adequada e atualização dos professores, há que acrescentar a falta de recursos e apoio pedagógico, de espaço físico e de materiais adequados.

Pois, mesmo que mudanças possam ser percebidas, que novas metodologias e práticas compromissadas com a diversidade cultural, com a história, com a livre expressão estejam sendo, mesmo que timidamente contempladas, Barbosa (2002, p.14)

aponta para outras necessidades também essenciais, como a de compreensão da arte, a valorização na relação do fazer, ler (apreciação interpretativa) e contextualizar (histórica, social, antropológica e ou estética).

Para que a cultura africana possa ser aprofundada quanto a seu conhecimento, faz-se necessário quebrar a visão deturpada, a resistência e a falta de respeito pela mesma, proveniente de alguns alunos, pais e educadores. A visão do negro não deverá ser de um coitado e fraco, passivo, inferior, o qual aceitou a escravidão e que não lutou por sua liberdade e que, atualmente, precisa de uma lei para protegê-los. Mas sim, de um povo que foi injustiçado, violentado, tendo suas crenças e culturas desrespeitadas e oprimidas, como se não tivessem uma história, só porque eram diferentes, quando comparados a sociedade europeia, a qual era a dominante daquela época.

E, da mesma forma que toda a sociedade brasileira contribuiu para injustiçar os negros, somente por não aceitar a cor da sua pele, atrasando assim o seu desenvolvimento político, econômico e social, privando-os dos direitos e deveres de cidadãos, hoje existe sim, a necessidade de haver leis que protejam os direitos dessas pessoas, visando amenizar os efeitos decorrentes de anos e anos de exploração e retardo educacional e profissional. A discriminação racial está presente nos diferentes espaços sociais, entre eles a escola. A educação básica é primordial para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo de qualquer indivíduo. Através dela, aprendem-se valores éticos e morais para o bom exercício da cidadania e convívio social. Mas, a mesma está inclusa no contexto do pensamento eurocêntrico, a política e ações de embranquecimento atingem da educação infantil até aos altos patamares da academia.

Segundo Cavalleiro (2001), há profissionais da educação que não percebem a disseminação do racismo e preconceito, naturalizados nas práticas e falas, eles se revelam de forma silenciosa através dos apelidos, posturas, comparações, murais, livros didáticos e até mesmo da avaliação. Desde cedo as crianças aprendem a segregar e excluir, além disso, o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica é colocado como um tema transversal ou em forma de projetos.

A cultura afro-brasileira deve ser destacada como um momento de reflexão perante as suas contribuições sociais e culturais, analisando sua forma de ser, agir e pensar. Trabalhando com uma diversidade de projetos e materiais que estimulem a formação de seres humanos históricos, oportunizando vivências das contribuições da cultura afro-brasileira nos aspectos sociais e culturais, destacando principalmente muitos alimentos existentes no nosso cotidiano e de origem africana, trazido pelos afrobrasileiros quando estavam vindo para o nosso continente, juntamente algumas palavras pronunciadas constantemente pelos cidadãos brasileiros e de origem afro-brasileira entre outros aspectos que são vivenciados diariamente no nosso cotidiano social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade apresentada por meio dos estudos, reflexões e depoimentos mostra que a escola reproduz as discriminações e preconceitos da sociedade nas suas relações sociais. Por outro lado, existe um reconhecimento das desigualdades étnico-raciais e o desejo de transformá-las por grande parte dos educadores, tanto daqueles que estão nas escolas quanto os que estão no âmbito Acadêmico, responsáveis pela gestão de políticas educacionais.

Resta acrescentar que, sem a pretensão de esgotar um tema tão complexo, sobre a importância da implementação da Matriz Africana no currículo multicultural, seus dilemas e perspectivas, o que este trabalho procura oferecer são exemplos de expressões artísticas e culturais comprometidas com essa questão, possibilidades de leitura de obras e a expressão artística de alguns artistas plásticos que trabalham com a temática africana e afro-brasileira O aprimoramento do conhecimento acerca da história da África pode ser medido pelo aumento de traduções para o português de textos importantes para a área e da publicação de trabalhos produzidos por estudiosos brasileiros, na maior parte das vezes, vinculados a programas de pós-graduação.

A disseminação desse conhecimento produzido na esfera acadêmica deve ser alcançada com a sua articulação com outros níveis de ensino, revistas de divulgação, programas ligados a mídias audiovisuais, cursos de curta duração e outras formas de levar para fora dos limites da universidade o conhecimento ali produzido.

Na medida em que essa articulação ganhe força, será possível garantir um ensino de qualidade com menos margem de erro, tanto no que diz respeito à produção de material didático quanto no que se refere às aulas nos diversos níveis e cursos de formação de professores. E pelo que vemos, esse processo está em curso, mesmo que com menor velocidade e abrangência do que seria ideal.

Assim, para que se possa trabalhar com a Cultura Afro-brasileira no cotidiano escolar será preciso perceber a realidade de cada escola, porque cada uma terá suas necessidades, e dessas necessidades surgirão possibilidades de abertura de estratégias de ação que vislumbrem a construção de sociedade mais harmônica entre si, em que todos

tenham possibilidade de buscar sua felicidade, sem agredir o próximo, e sem que se inflija sofrimento às pessoas.

Portanto, A escola deve ser um espaço democrático, logo precisa incluir em seus conteúdos curriculares os saberes e conhecimentos dos diferentes sujeitos que frequentam o seu ambiente, de modo que passe a desenvolver ações pedagógicas que insira todos os sujeitos, sem distinção de cor, religião, gênero. Entende-se que ações como esta são importantes para que os profissionais tenham o conhecimento social, político, econômico e cultural na sua prática docente, valorizando as diferenças que perpassam a escola. Tais atitudes ressaltam a importância da formação desses profissionais na construção de um currículo que contemple as novas demandas da sociedade brasileira, hoje voltada para a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Temas Transversais. Brasília:- MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, Ana Paula. Memória das palavras. Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, il. color. - (A cor da cultura).2006.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti--racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In_____. Racismo e anti--racismo na educação:

repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. Por que arte-educação? 14. ed. Campinas: Papirus, 1991.

JANSON, H. W. História Geral da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MCLAREN, Peter. A vida nas escolas. Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2ª Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

SODRÉ. Jaime. Arte Africana. - Uma brevíssima abordagem. Correio da Bahia. 06 de janeiro de 2001. SYLLA, Abdou. África e Africanas de José de Guimarães Espíritos e Universos Cruzado. Editora Museu Afro Brasil.Ed. 1. 2017.